

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

EXPERIMENTOS COM SOCIALIDADES COMO CATALISADORAS DE SAÚDE

Isabella Simões Bissiatti Ferraz

RESUMO:

O objetivo dessa pesquisa é discutir a partir do conceito de epistemicídio criado pela ativista antirracista Sueli Carneiro (2023) outros modos de experimentar a saúde. A autora faz uma crítica ao eurocentrismo sócioteórico que privilegia o conhecimento científico e sepulta diversos outros tipos. Questões étnicas advindas da colonização retificam e universalizam a experiência social de uma minoria, porém dominante, da humanidade (Cornell 2012). Leitora de Michel Foucault (1975), a autora inspirada no termo dispositivo alude à ideia de que existe um dispositivo de racialidade operando no Brasil que mantém conhecimentos alternativos negligenciados em razão da operância do sujeito ocidental. A metodologia se baseia em uma revisão de literatura, tendo como ponto focal os estudos de Sueli Carneiro (2023) e de Foucault que evidenciam a urgência de novas assembleias de vida. A conversa em torno da complexidade dos processos sociais e seu movimento contínuo, evoca a destruição de pressupostos epistemológicos ainda herdeiros da modernidade, incidindo na validação e aplicação de sociabilidades mais-que-humanas, trazendo compreensões outras sobre ecologia antropocênica. Nesse sentido, a proposta é de que se pense na saúde como processo que abraça a integração para além do humano, protagonizando outros entes na sua construção e promovendo outros eixos de experimentação. Como exemplo, podemos citar a relação com as águas no Vale do Jequitinhonha que nutrem o bem-estar da comunidade, assim como a mandioca nutre o afeto dos almenarenses. A saúde não se reduz aos aspectos biofisiológicos, carece de abrir espaço para o acionamento da arte de notar o mundo e os conhecimentos mais-que-humanos.

PALAVRAS CHAVES: Epistemicídio; saúde; colonização; movimento; ecologia

1. INTRODUÇÃO

Ao ponderar sobre o termo “epistemicídio”, cunhado por Sueli Carneiro (2023), compreende-se a amarga supremacia de um ponto de vista erigido por uma cultura que, ao se impor, exclui e se apropria de outros modos de saber. O modelo ocidental, consolidado desde a colonização mundial de 1500, mantém, até hoje, as estruturas dessa violência epistêmica, manifestando-as de forma evidente na forma como percebe e define o cuidado — um cuidado que, em sua racionalidade excludente, silencia e marginaliza tudo aquilo que se revela subjetivo.

Nesse viés, com a validação da verdade se tornando exclusiva de sistemas testificados em academias e literaturas ditas científicas, a sabedoria ancestral, os saberes diversos e as socialidades, como um todo, perdem espaço para a lapidação de visão biomédica. Nesse contexto, a perspectiva separatista torna a integração questionável. Tem para si o cuidado como um conceito racional e adequado às tecnologias ocidentais. Exclui assim, evidentemente, qualquer possibilidade de consideração e ligação com as socialidades mais que humanas. Coloniza, de fato, o saber médico e o indica como único mediador de assistência à saúde. (CONTATORE; MALFITANO; BARROS, 2018).

Sob essa ótica, tal assistência não se define como identificatória aos rios, as vidas e a subjetividade. Não pensa e muito menos aborda sobre os mundos alimentares. Desse modo, ela se mantém no papel *canetado* pelo europeu, em quase 500 anos, ainda que os rumos instrumentalistas dançam com os dados de cronicidade de doenças e, simultaneamente, se disfarçam por meio de propostas integrativas (MACHADO, 2006).

De modo contrário, assim como fundamenta o pensador Boaventura de Sousa Santos, isso se dá, pois, mesmo com a colonização dos países oficialmente finalizada, há uma espécie de colonialismo insidioso, o qual mantém rastros sociais herdados do colonizador, que se mascaram com os avanços sociais, ao passo que continuam a perdurar a dominação. Em outras palavras, a maioria dos modos de se pensar, agir e compartilhar o mundo, nos países colonizados - como no Brasil - são influenciados, até hoje, pelas perspectivas advindas dos colonizadores. Nesse contexto, é enlaçada junto às percepções trazidas por Sueli e Foucault, a noção do epistemicídio como parte de um dispositivo de racialidade em operação no Brasil, responsável por silenciar e marginalizar saberes outros, em função da hegemonia e da contínua atuação do sujeito ocidental. Como consequência, não à toa, as socialidades se transformam em sinônimos de resistência e objeção à opressão. Foi escrito assim, este presente artigo, em tentativa de fomentar e evocar a destruição das bagagens advindas da violência e controle dos corpos, vontades e mundos, abrindo espaço, portanto, aos experimentos com sociabilidades possibilitadoras de caminhos outros na saúde.

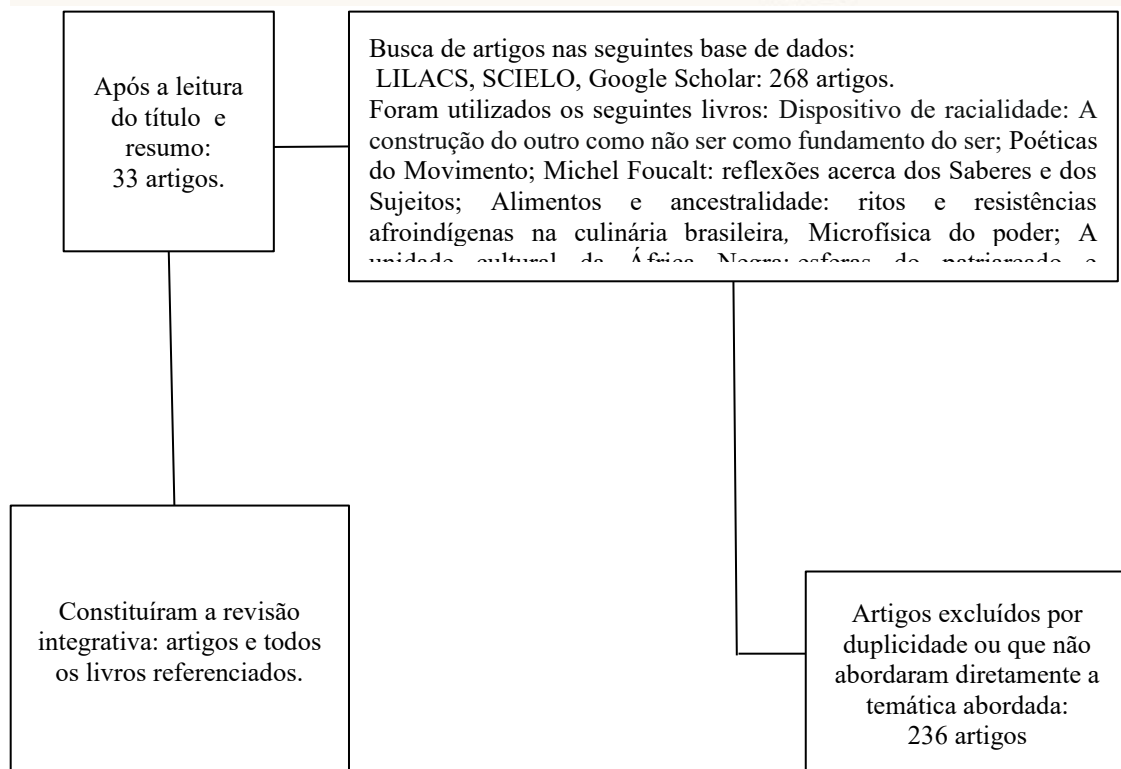
2. METODOLOGIA

¹ Univerdade do Estado da Bahia - UNEB. Departamento de Ciências da Vida II/Campus I.

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da produção científica - formulação do problema, levantamento dos dados, categorização dos estudos, interpretação crítica e síntese final - com ênfase na procura de novos modos de experimentar a saúde, aplicando as sociabilidades mais que humanas como catalisadoras desta. A pergunta norteadora que guiou a busca foi: “Quais experimentos com sociabilidades resistem ao epistemicídio e funcionam como catalisadores de saúde?”. A busca foi realizada pelo banco de dados Literatura Latino - americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Google Scholar, e, foram selecionados trabalhos nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram empregados descritores controlados e palavras-chave, articulados por meio dos operadores booleanos (AND, OR), tais como: “socialidades”, “saúde”, “vale do jequitinhonha”, “sentidos”, “subjetividade” e “colonização”. Todos foram descritos nos três idiomas citados. Como somatória norteadora, foram utilizadas também as literaturas de Cheikh Anta Diop, Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos, Boaventura de Souza Santos e Tim Ingold, com ressaltos às literaturas de Michael Foucault e Sueli Carneiro, precursores da temática.

A estratégia de busca foi elaborada de modo a assegurar abrangência na coleta, sem perder a pertinência dos resultados. Não foi estabelecido recorte temporal para o ano de publicação dos artigos incluídos nesta revisão. Assim, foram incluídos os estudos completos, disponíveis na íntegra, que abordaram de maneira direta os eixos centrais do artigo. Foram excluídos materiais duplicados, adjunto àqueles que não dialogavam com as tônicas do epistemicídio, da interculturalidade e das possibilidades de experimentação no viés das socialidades.

A análise seguiu as etapas da revisão integrativa citada acima, construindo eixos analíticos para fundamentar o abocamento sobre modos de vivenciar as socialidades e catalisar a saúde. A partir dessa abordagem, foi possível compreender como o epistemicídio se expressa e identificar práticas que surgem como contraposição a essa violência epistêmica, tendo como referência tanto perspectivas teóricas críticas quanto às experiências concretas de povos ancestrais e comunidades tradicionais. No Fluxograma 1 apresenta as bases de dados consultadas e a quantidade de estudos selecionados.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A contraditoriedade do racional

A filosofia cartesiana consolidou no Ocidente a ideia de que a razão seria o fundamento da vida humana e o caminho para alcançar a verdade (DESCARTES, 1996). No entanto, essa lógica revela suas próprias falhas: ao se afirmar como universal e autossuficiente, ignora que opera dentro de limites estreitos e abstrai aquilo que escapa à racionalização. Como observa Llinàs (2017, p. 28), até mesmo dentro desse sistema há o reconhecimento de um princípio criador, nomeado por alguns como Deus e por outros como plano divino, cuja natureza permanece “desconhecida”, evidenciando a incoerência de um modelo que pretende explicar tudo pela razão, a partir de um limitado repertório conhecido.

Nesse paradigma, a experiência - dimensão viva e sensível da existência - é colocada em segundo plano, reduzida a mero “objeto” neutro do conhecimento. Em contraste, a formação das subjetividades emerge justamente do contrário: do sentir, do

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

experimental e do interagir com o mundo. Tal como demonstra a neurociência, antes dos quatro anos o córtex pré-frontal (região do encéfalo responsável pelo controle inibitório, pela tomada de decisão e pela percepção racional) ainda não está plenamente desenvolvido (OLHABERRY, SIEVERSON, 2022), o que reforça que o ser humano conhece o mundo, primeiramente, por meio dos sentidos e das relações afetivas, antes mesmo de compreender racionalmente o que vive. Como exemplo, ao observar a formação da palatabilidade infantil, é fácil notar a variação de suas preferências, que dependem da multiplicidade de relações físicas e texturais do alimento, dos vínculos sociais, emocionais, comportamentais, das identificações culturais ou religiosas.

Nessa perspectiva, são os sentidos, os afetos e as subjetividades que orientam o conhecimento infantil, conduzindo tanto a regulação emocional quanto às funções cognitivas. A experiência torna-se guia do saber e, ao mesmo tempo, não exclui o desconhecido: o alimento pode ser aceito ou rejeitado, sem que isso o fixe de maneira absoluta na rotina da criança. A escolha não se reduz a uma dicotomia entre o bom e o ruim, mas se inscreve em infinitas possibilidades, muitas das quais permanecem até a vida adulta. O “sentir” compartilha com o instante e cria poéticas de movimento¹, instaurando verdades provisórias no agora.

É justamente aí que a racionalidade dominante, ainda hoje sustentada, revela sua face epistemicida, ao negar socialidades como produtoras de sabedoria e reduzi-las ao silêncio. Diante à filosofia que inspirou a ciência moderna, evidencia-se a necessidade urgente de novas assembleias de vida, capazes de perceber e habitar o mundo sem o imperativo da razão como único norte. Questionar essas contradições significa abrir espaço para a experiência, para o acolhimento do caos e do imprevisível, dimensões que, por muito tempo, foram desqualificadas por sistemas que setorizavam e engessavam a (co)existência.

3.2 Subjetividade como norteadora.

Nas formas ocidentais de controle da existência, Foucault observa que a verdade só é considerada legítima nos contextos em que aqueles que detêm poder a reconhecem

²como tal, de modo que “a verdade do poder não existe fora do poder ou sem poder”. Assim, os mecanismos que definem o que é verdadeiro ou falso asseguram ao racionalismo metodológico a hegemonia ocidental sobre os critérios de veracidade, ao mesmo tempo em que sepultam saberes alternativos. Essa lógica não apenas apaga protagonismos, mas também dilui identidades em uma generalização imperialista de cultura e conhecimento.

Não é surpresa que, após o vigor cartesiano, projetos de universalização cultural tenham florescido - como o *American Way of Life* (ARRUDA, 2022), vendido como “o sonho americano” e exemplo de vida ideal. A expansão hegemônica dos Estados Unidos no pós-Primeira Guerra intensificou esse movimento, ameaçando identidades já fragilizadas por séculos de epistemicídio e colocando em risco a continuidade de narrativas ancestrais.

É nesse contexto que se evidencia a urgência de romper com uma cosmovisão pautada no controle e na racionalização, projetada no maquinário social, linguístico, político e religioso. Autores como Tim Ingold, ao resgatar saberes ancestrais inscritos nas socialidades, oferecem contrapontos potentes a esse paradigma, recolocando em pauta o conflito aberto por Descartes ao separar corpo e mente, emoção e razão, saber e ignorância.

Dessa forma, pensar a subjetividade implica evocar um contraste atencional que se desloque dos holofotes objetivos do conhecimento. Deleuze e Guattari a entendem como aquilo que se desprende da mediação de complexos restritos, sejam familiares, religiosos ou interpessoais, para afirmar modos de vida singulares, muitas vezes marginalizados e vítimas do epistemicídio. Já Foucault, Sueli Rolnik e Carneiro apontam para novas estéticas de existir, capazes de tensionar a rigidez da racionalidade moderna e suas categorias universais impostas pelo capitalismo, mascaradas sob a forma de desejos individuais.

Nesse horizonte, cabe perguntar:

O conhecimento de fato leva à sabedoria? Ele abre nossos olhos e ouvidos para a verdade daquilo que há no mundo? Ou, pelo contrário, ele nos

² 1. referência ao livro *Poéticas de Movimento* (OLIVEIRA, Eduardo et al.)

mantém reféns dentro de um compêndio feito por nós mesmos, como uma casa de espelhos que nos cega para tudo o que esteja além?

E seria porque sabemos demais que parecemos tão incapazes de lidar com o que acontece em torno de nós, e de responder com cuidado, bom senso e sensibilidade? Quem é mais sábio: o ornitólogo ou o poeta – quem sabe o nome de cada pássaro, mas já os têm pré-classificados na mente; ou quem não conhece nenhum nome, mas olha encantado, admirado e perplexo para tudo o que vê? (INGOLD, 2015.p.22)

Aprender com o entorno, permitindo que o externo se torne protagonista, exige sepultar a primazia do epistemológico para que se abram novos caminhos de subjetivação — muitos deles ancestrais. Ingold, sem o dizer diretamente, dialoga com a cosmovisão que divinifica e entrelaça o ser ao universo mais-que-humano.

3.3 Assimetrias entre cosmovisões.

Ao entender a teoria dos dois “berços civilizatórios”, estruturada pelo pensador senegalês Cheikh Anta Diop (1982), é percebido a existência de cosmovisões generalizadas, determinadas de acordo o contato com certas regiões, mas não universalizadas - como o ocidente intentou. Nessa idéia, O antropólogo argumenta como se constituem dois modelos vigentes na sociedade: o modelo euroasiático e o modelo africano, já que se destacam pela sua frequência nessas regiões.

Diop mostra como o 1º modelo, pautado no desenvolvimento e ótica abraanica, defende a ideia de uma tribo que será eleita para desfrutar do melhor (chamado de eternidade) e, portanto, respalda uma relação de temor para com seu Deus, já que se define em: um pecado original, um paraíso perdido, uma redenção através de renúncias e vigilância para se poupar do *armageddon*. A partir dessa narrativa, pode-se compreender uma mensagem de escassez, onde há uma via tortuosa normalizada como caminho para a salvação, ao passo que esta se disponibiliza apenas à tribo eleita, subentendido que não se pode salvar à todos e, portanto, alguns serão condenados. (BISPO, pg. 8-18, 2023)

Partindo dessa interpretação e a transpondo para o cenário político, a hipóstase religiosa, atrelada a experiência daquela sociedade, constrói uma cosmovisão vivenciada a partir do medo como ponto focal de seus afetos. Com a proposta de um pecado sempre

à espera de “deslizes”, criam-se sociedades hipervigilantes e receosas. O temor, inicialmente atribuído pela visão de um Deus punitivo, abre lugar para uma relação de temor com o mundo e desenvolve a ideia de sociedades em crises, em constante míngua. Um exemplo claro de relação cosmo-fóbica, transpassada às atribuições ocidentais no campo político-econômico e decorridas do 1º modelo é a Teoria Malthusiana, de Thomas Malthus (1766-1834), um geógrafo britânico, que estimava um crescimento populacional geométrico ao passo que a alimentação acompanharia uma curva aritmética. Ele acreditava que a escassez seria inevitável, e esse era o princípio e fim das dinâmicas das relações. Como consequência desse campo, não por acaso, a ideia de dominância dos mais fortes sobre os mais fracos germinou, guerras se fundamentaram nessa mesma perspectiva, um cenário de tensão constante se fez permanente e mais do que nunca se fez evidente a reconfiguração sob a forma de agir com outros e com eles mesmos, com a natureza e seu entorno, enquanto indivíduos ocidentalizados. (NOGUEIRA, 2023),

De modo oposto, as sociedades dos 2º modelo não possuem a noção de paraíso, já que o lugar ideal é atribuído a melhor experiência do agora. Não se é prometido uma recompensa de salvação limitada a apenas uma tribo, então seus afetos são direcionados à circularidade. É através da natureza, do movimento, das rodas religiosas e da pesca, por exemplo, que se pode perceber o divino, onde se nasce, cresce e retorna; Animais, plantas e/ou ações, que vivem um constante ciclo de início, meio e início. Elas vivem o politeísmo e veem o valor das socialidades ao passo que têm seus deuses dentro desses lugares. Vivem, então, como sociedades estáveis, ao contrário do primeiro modelo amparado pela dominação e pela escassez que, baseada na política de exploração de recursos, enxerga um mundo não abundante. (HALL, CHANDLER, 2017)

Ao olhar para a filosofia bantu, especialmente a partir do conceito de *Ubuntu*, é possível compreender a integralização cosmo-fílica que emborça diferentes territórios que abraçaram o termo. A palavra pode ser traduzida pela expressão “eu sou porque nós somos”. Assim, simboliza a importância da comunidade e atribui às vivências a urgência de coletividade como condição de existência.

Dialogando com esses saberes, o historiador José Beniste elucidava as socialidades iorubás como foco central da cosmovisão da tradição. Para os povos Yorubá, também do Continente Africano, o processo de existência é vinculado ao Àiyé, mundo físico, e ao

Òrun, mundo espiritual, não em uma perspectiva separada e sim - em analogia às águas - em constante desague um no outro. Òrisà, divindade que representa os ancestrais e suas subjetividades, converge com os mundos, se constitui no Àiyé, dança no Òrun. Òrisà, também, dentro do sistema científico-filosófico de Ifá, se apresenta como expressões simbólicas que abrangem dimensões numéricas, cromáticas, alimentares, botânicas, geológicas, territoriais, psicológicas, entre outras. Esses elementos são traduzidos em signos com múltiplas características, sendo divinizados pelo princípio do “Ser” em suas formas de manifestação individual e coletiva. (BENISTE, 1997.p.49).

A natureza, então, dialoga aos mundos dos ancestrais, ao passo que se faz conecta ao Àiyé. Há o acolhimento de alteridade e a compreensão do espaço geográfico como totalidade conectiva, portanto, sagrada e divina. Aqui, há materialização do divino na experiência territorial. Através do mundo físico e do próprio divino em cada Orí², consegue-se unir ciclos e proporcionar uma ótica dinâmica.

A partir do contato com saberes abafados pela experiência social ocidental desde a colonização, torna-se possível perceber como outras formas de ver o mundo evocam ecologias antropocêntricas, nas quais múltiplos entes passam a protagonizar a própria construção da existência, cada qual dentro de seus próprios eixos de experimentação.

Em sincronia à essa percepção espiralizada, Antonio Bispo dos Santos compartilha a concepção das cosmovisões, semelhantes ao 2º modelo de Diop, defendendo também a participação das vivências ameríndias. Ele engloba em sua percepção de cosmovisão tanto aos povos originários da América quanto ao continente africano e concebe o significado de sociedades *afropindorâmicas*, onde a vida se movimenta e o paraíso se estende a ela, de modo que, é ela. Em outras palavras, a existência presenciada no agora é responsável pelo bem viver e se guia na movimentação ao invés do controle. A poética de movimento tem a oportunidade de se instalar a cada compartilhamento ao entender, nessa cosmovisão, que as bonanças possíveis de se viver estão no agora.

Ao visitar as literaturas do ativista indígena Ailton Krenak (1953), como em seu livro “Futuro Ancestral”, fica clara a percepção das socialidades como seres materializados na natureza e a possibilidade do futuro, a partir daqueles que sempre

³ 2- a cabeça, entendida entre os Yorubás como portadora de personalidade e destino. (FERREIRA, 2013)

estiveram aqui. Krenak elucida como os ancestrais estão em tudo e nos rios, enfaticamente, isso não é diferente. Para os povos Krenak, além do abastecimento, os rios são entes familiares, capazes de proteger crianças dos *males*, de produzir cantos, sussurrar verdades e proporcionar a experiência de pertencer, são matéria e também espírito, podem permitir movências internas humanas ao passo que também mudam seu rumo. Para os povos Kogi, as pedras são percebidas como seres sagrados que já foram pessoas (LÉON, 2013). Essa relação de simbiose entre os seres humanos e a Natureza, qualificada como relação de parentesco também se fazia presente em antigas civilizações como Egito, China, Índia e Japão (MORAES, 2012, p. 30)..(MORAES, 2012.p.30)

Nessa perspectiva, considerando as experimentações diversas como existências contracolonialistas capazes de catalisar a saúde, as socialidades vivas do Vale do Jequitinhonha, localizado no nordeste de Minas Gerais, exemplificam de forma clara as confluências resistentes ao epistemicídio que hoje aplicam as socialidades e compilam saúde à região.

3.4 - Socialidades no Vale.

A região do Vale do Jequitinhonha, constitui um território de profundas expressões culturais e simbólicas. Reconhecida por sua abundância natural e pela diversidade de seus povos, o Vale carrega uma história marcada tanto pela riqueza de seus recursos quanto pela força criadora de seus habitantes, frente às consequências coloquiais de desigualdade deixadas pós exploração e despossessão cultural (SOARES, 2019). Desde o Alto Jequitinhonha, de solos férteis e pedras preciosas, até o Baixo Jequitinhonha, com suas vastas matas e extensas faixas de rio, o território revela uma relação viva entre natureza, memória e resistência.

Antes da colonização, era habitado por povos originários como os Maxakali, Aranã, Poté, Naknenuk e Pojichá (SOARES, 2019, p. 19), que compreendiam o mundo a partir de uma cosmovisão integradora, na qual o humano, o sagrado e o ambiente se entrelaçam. Com o tempo, somaram-se a essa diversidade as heranças africanas, trazidas pelos povos que, mesmo em contextos de dor e deslocamento, semearam saberes, espiritualidades e modos de vida que se enraizaram no território.

Desse encontro entre matrizes indígenas e africanas nasceram modos de existir e criar que ainda hoje estruturam a identidade do Vale, visíveis nas suas artes, religiosidades e formas de socialidade. Nos quilombos e nas comunidades locais, a coletividade e o trabalho compartilhado tornaram-se caminhos de preservação da vida e de expressão da ancestralidade.

Em meio às adversidades históricas, esses povos mantiveram vivas suas cosmovisões e transformaram o cotidiano em linguagem simbólica: nos cestos e panelas de barro, nas peneiras e máscaras, nos cantos, batuques e rituais. A cultura do Vale, assim, se ergue como um tecido de resistências e afetos, no qual o fazer manual, o canto e o cuidado se afirmam como práticas de memória, saúde e continuidade da existência.

3.4 Relações Afetivas: entre feiras, afetos e mandioca

Ao adentrar a constituição integral do Vale do Jequitinhonha, é possível perceber não apenas sua confluência com as experimentações afropindorâmicas nas práticas de subjetividade, mas também o reflexo de uma cosmovisão que se expressa nos mundos alimentares e cuidadores. Nas cidades e nos quilombos, a agricultura, saber ancestral transmitido entre gerações, sustenta os hábitos alimentares territorializados, relacionando, assim, o alimento com a cultura material, identidade e gosto. Nesse contexto, torna-se natural a segurança e soberania alimentar, conceito que se define como a liberdade da população poder decidir sobre seus costumes alimentares e determinarem seus estilos próprios integrados com os fundamentos imateriais do território (CRUZ, 2022). A integração com a terra e a resistência de práticas tradicionais de cuidado se ressoam ao perceber como os alimentos, enredam os produtos da terra e os sentidos simbólicos, revelando que a dieta não se guia apenas pelo gosto individual, mas por um padrão coletivo, moldado cultural e socialmente.

As perspectivas de coletividade afluentes de outras cosmovisões levam ao Vale a cultura de partilha cerimonial de frutos da coleta como pequi, mangaba, jerivá e de alimentos - apagados pela universalização dos alimentos - intitulados como plantas alimentícias “não convencionais”, como serralha, gondó e maxixe.



figura 1 - Feira livre em Almenara.

Fonte: Gabinete da prefeitura de Almenara [S. D]

O entorno é recebido e pode movimentar a economia juntamente com a atenção dos indivíduos com a sua comunidade e uma nutrição com qualidade por meio da plantação orgânica da mandioca, abóbora, batata-doce, por exemplo, realidade cotidiana a quem vive no campo aberto das relações mais-que-humanas. Em uma perspectiva plural, em municípios como no Alto do Jequitinhonha, ainda mantém-se viva a prática de comercializar alimentos de forma itinerante, em que agricultores que produzem nas zonas periféricas ofertam verduras, frutas, leite e derivados diretamente às casas, numa rotina semanal e comunitária, que se entrelaça às feiras livres, espaços ainda centrais de encontro e abastecimento. (CRUZ et al. p. 8, 2022).

Nesse contexto, tem-se uma região brasileira onde por meio dela as comunidades reafirmam sua presença em territórios historicamente ameaçados e vivenciam suas cosmoafilias - experiências de conexão, abundância e confiança - através dos alimentos proporcionados pelo entorno e pela atenção às socialidades. Os saberes, aqui, preservam tecnologias ancestrais que seguem vivas no manejo e nas relações cotidianas com o ambiente. Essas movimentações fomentam e externam a força de costumes vivos na sociedade, promovendo a comunhão do abastecimento com o território. Elas fundamentam-se em éticas próprias, que promovem a (re)conexão constante entre produtores e consumidores por meio dos saberes, técnicas e tradições locais, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao território e a valorização da agricultura familiar. Considerando o total da população do país que consome essa produção familiar, eles configuram mercados com volumes expressivos.

Na parte mais baixa do Vale, o símbolo de nutrição afetiva e cultural é encontrado na mandioca. Muito além do alimento, ela carrega a herança de ritos indígenas e africanos, a representação de segurança em meio a seca do norte mineiro, já que pode ser colhida em praticamente todos os meses do ano e também cultivada com a utilização de poucos insumos externos. Nesse contexto, é possível observar um legado histórico instaurado desde o início das tradições indígenas com o tubérculo até as modificações temporais de implicâncias culturais que se manifestam na Festa da Mandioca, expressão de memória e afetividade que reforça os vínculos comunitários e movimenta a economia das famílias agricultoras Almenarenses. Festejada no município de Almenara/MG, ela representa tanto as dimensões “micro” dos vínculos familiares como simboliza seu “macro” através das performances locais na contemporaneidade.

Quando a colheita da mandioca é farta, a celebração se torna ainda mais viva. As mesas se enchem de sabores tradicionais lapidados pelos saberes dos mandioqueiros com pratos como bolo de puba, tapioca com coco, beiju tradicional: recheado com queijo, manteiga, leite condensado e coco; caldo de mandioca, vaca atolada e biscoitos de goma - pratos que carregam a memória e a identidade cultural do Vale.



Figura 2 - Beijuzeiras executando a feitura dos beijos tradicionais do Baixo Jequitinhonha.

Fonte: Acervo do governo de Minas Gerais

A festa também se expande para além da culinária, reunindo expressões artísticas, música, dança, artesanato e momentos de encontro entre diferentes setores da comunidade: agricultores, representantes públicos, comerciantes, comunicadores, educadores, empreendedores e o público em geral. Juntos, fortalecem a economia local e renovam os laços culturais que atravessam gerações. Assim, o alimento transcende sua

função nutricional: ele conecta a história e o território, ressignificando o sentido de fartura e comunhão, e atuando como catalisador de saúde - tanto física quanto psicoemocional - mesmo após séculos de epistemicídio e da hegemonia imposta pelo agronegócio.

3.5 Vale da Arte

O lugar que antes recebeu o estigma de “Vale da pobreza”, em decorrência do colonialismo, consegue se transmutar e transbordar em criatividade e sociabilidades. Nesse contexto, com a arte material não poderia ser diferente. O Vale, em sua vasta extensão, é habitado por artistas artesãos capazes que transmitir bem o sentimento de pertença ao lar de *mineiros dos pés rachados* (ALVES,) com seus próprios modos e *jeitos*. São capazes de criar feiras ao percorrer seus 70.315 km² de extensão, seja às margens das estradas, nos mercados, galerias, quintais e museus. As peças vão desde inspirações cotidianas no barro até homenagens profundas aos familiares esculpidas em madeira. De maneira geral, a arte e as feitura criadoras se envolvem diretamente com o passado, numa espécie de encarne deste com o presente, honrando memórias e impedindo histórias do esquecimento.



Figura 3 - Quadro com bordado do artesão Diomilton Ferraz, referenciando a árvore Ipê, as construções regionais e a natureza.

Fonte: Diomilton Ferraz, 2022

O legado desse povo é essencial para compreender e preservar a história do Vale - e, de certo modo, também a minha - assim como o patrimônio artístico e cultural que o

constitui. São brasileiros que, a partir de suas mãos e memórias, formaram comunidades inteiras em torno da arte do barro. Gente que não reteve o saber, mas o compartilhou, reconhecendo que, ao difundi-lo, fortalecia não apenas a cultura local, mas também a dignidade e a renda de muitos. Ao perceber a influência artística nos corpos daqueles que se depararam com teceduras compridas, abarrotadas de saberes, a arte também se direcionou às vozes, frutíferas pelos encantos de resistência germinados de um rio.

3.6 Lavagens em deságue: memórias e cantos

Assim como os povos Krenak referenciam as águas Watu como rio-avô, no Vale as águas são sentidas como entes vivos, que sustentam e harmonizam a vida dos municípios. É através da abundância e da circularidade oferecida pelo Rio Jequitinhonha - compreendido como sujeito - que essas comunidades nutrem sua integridade. Nas margens do rio, as mulheres lavadeiras de Almenara insurgem o costume de cantar, unindo o trabalho manual à uma execução comunitária fluida. Proporcionam pelas cordas vocais o acesso à memória de histórias vividas, ouvidas e sentidas. Transformam o ambiente racionalmente limitado em uma prática subjetiva, simbólica e coletiva, entre cantos, cheiros e tecidos. Seus coros ecoam histórias de fé, trabalho e resistência, entrelaçando o passado da escravidão e da opressão doméstica com o presente de força e continuidade (SOARES, 2000; BARROQUES, 2021).



Figura 4: mulheres lavadeiras à beira do Rio Jequitinhonha.

Fonte: Fotografia de Marcelo Oliveira cedida por Carlos Farias..

Essas mulheres ressignificam o trabalho e o cotidiano, transformando a água em potência de expressão e cura. Como aponta Barroques (2021, p. 60), suas vozes,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

entrelaçadas nos cânticos e nas lavagens, revelam uma sabedoria ancestral que se manifesta no coletivo e fortalece o ato de (re)existir. A potência dessas mulheres, a saudade e dor misturadas com alegria de viver e (re)nascem frente a beleza daquele rio, que proporciona beleza, fertilidade e trabalho a elas, de alguma forma, conversa às minhas emoções, à minha história de pertença e entrelaça nossos caminhos que se desabrocham neste artigo. As lavadeiras não apenas teorizam a idéia de uma socialidade como catalisadora de saúde. Elas vivem as águas e as abundâncias destas em realização interna e externa. Sem rio, não há peixe, trabalho, nem canto. Não há risada e roda de conversa. Não há lar. Entre terreiros gratos aos rios pelo privilégio de uma rainha perpassada por toda a região até as rezadeiras gratas a Santa Luzia. As vivências no Vale se tornam subjetivas frente à abertura cosmo-filica mediada por sabedorias ancestrais de notar a arte de viver. Portanto:

[...] E não era roupa,
era alma de gente,
sonhos à procura do tempo.
Debruçado na margem,
a lavadeira sabe:
não é de roupa que cuida.
É o próprio rio que ela lava. [...]
[...] Por isso, mãe,
os meus olhos são teus.
E eles não servem para ver.
Apenas para recordar.
O que antes de ser luz foi palavra e corpo.

(COUTO, Mia, "Vagas e lumes", Lisboa: Editora Caminho, 2014).

O diálogo entre as práticas de subjetividade e as socialidades do Vale do Jequitinhonha revela, portanto, a presença dos afetos curadores, que atravessam humanos e não humanos, natureza e cultura, sem sepultar as verdades de um povo, seja qual ela for. A incerteza do viver se converte em narrativa plural, onde diferentes histórias coexistem

sem necessidade de hierarquia. Nessa confluência, os mundos se tocam e se transformam sem se sobrepor. As existências experimentam diferentes correntezas e desabroçam nascentes de arte, assim:

É maravilhoso que ainda existam essas memórias nas tradições de centenas de povos [...] Essas narrativas são presentes que nos são continuamente ofertados, tão bonitas que conseguem dar sentido às experiências singulares de cada povo em diferentes contextos de experimentação da vida no planeta. (KRENAK, 2022, p.18)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociabilidades mais que humanas, ao dialogarem com a destruição de pressupostos coloniais, revelam-se como movimentos de resistência e criação. Elas não apenas questionam o legado racionalista e separatista do Ocidente, mas também propõem novas possibilidades de existir. Os experimentos com socialidades como catalisadoras de saúde emergem, assim, como expressões éticas e vitais de uma existência que se recusa a ser reduzida a parâmetros biomédicos ou produtivistas. A partir do reconhecimento da subjetividade e da pluralidade de mundos, tais práticas propõem compreensões outras a respeito dos modos de cuidar e viver, insurgindo contra o sistema majoritário - supremacista, elitista e patriarcal - que insiste em separar corpo, mente e natureza. Ao contrário, o cuidado se manifesta aqui como território vivo, onde a saúde é produzida no encontro, na partilha e na escuta do outro e de si. Abraçar as integrações para além do humano se mostra como o acionamento da arte de perceber o mundo em suas múltiplas camadas afetivas, espirituais e materiais.

Conclui-se, portanto, que as vivências afropindorâmicas ensinam outros modos de experienciar o mundo que integram e não dominam, que acolhem o movimento e não a rigidez. O amor, a atenção e o bem-estar surgem como forças de cura e reconexão, sustentadas pela comunhão com a terra, pela ancestralidade e pela continuidade das memórias coletivas. Nessa perspectiva, o cuidado se (re)faz como um ato de liberdade: um caminho de volta à inteireza do ser em meio à diversidade da vida.

Das vidas que se desdobram às margens dos rios, emergem práticas cotidianas que se misturam às suas águas e às memórias que elas carregam. Pelas correntes do Jequitinhonha, passam histórias de viagens, chegadas e partidas, de saudades e reencontros, de ventos que anunciam mudanças e de tempos que moldam o curso da vida. Suas águas guardam o suor de quem nelas trabalha, o canto das rezas, os remos dos canoeiros e as vozes das lavadeiras que transformaram o ofício em expressão de fé e coletividade.

O Rio Jequitinhonha abriga em seu leito os segredos e encantos de gerações: cenário de brincadeiras, espaço de sustento, território de espiritualidade e arte. Por séculos, foi fonte de riqueza e rota de passagem das Minas, mas segue, ainda hoje, irrigando terras, nutrindo comunidades e inspirando modos de viver. Suas águas correm e narram, ensinam e conectam, revelando a profunda relação entre o rio e as socialidades que dele nascem. Assim também a mandioca nutre os afetos dos Almenarenses através da renovação dos vínculos sociais, identitários, culturais e econômicos ligados ao patrimônio imaterial alimentar, reforçando os laços coletivos que conectam a terra, a comida e as socialidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Yara de Cássia. **Nos rastros do passado: costuras do tempo na construção do parentesco e da socialidade entre quilombolas do Vale do Jequitinhonha- MG.** 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07022023-175610/>. Acesso em: 13 set. 2025.

ARRUDA, B. H. *American way of life: a atuação norte-americana no pós Segunda Guerra Mundial.* 2022.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Economia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/17067/EcoN_RI_tcc_arruda_bh.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 07 out. 2025.

BENISTE, J. **Òrun - Àiyé: o encontro de dois Mundos: o sistema de relacionamento nagò- yorubá entre o céu e a terra.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BISPO, Antônio Dos Santos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora & Piseadora, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

CONTATORE, Octávio Augusto; MALFITANO, Ana Paula Serrata; BARROS, Nelson Filice de. Cuidados em saúde: sociabilidades cuidadoras e subjetividades emancipadoras. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 30, e177179, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30177179>. Acesso em: 3 out. 2025.

CRUZ, M. S., RIBEIRO, E. M., PERONDI, M. A., ARAÚJO, A. M., & MALTEZ, M. A. P. F. (2022). Comprando qualidade: costume, gosto e reciprocidade nas feiras livres do Vale do Jequitinhonha. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Campo Grande, 60(spe), e245926, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.245926>. Acesso em: 3 out. 2025.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 336 p.

DIAS, João Ferreira. Orí O! A ideia de pessoa, a problemática do destino e o ritual do *bóri* entre os *yorúbás* e um olhar ao candomblé. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 70-87, jan./mar. 2013. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n29p70. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p70/5087>. Acesso em: 10 set. 2025.

DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. [S.l.]: Cafileza Soluções Gráficas, 1982.

DOS SANTOS, Henrique Pereira Almeida; GUSMÃO, Matheus Anézio Pereira. Nota de pesquisa: a concepção do espaço geográfico na perspectiva da tradição Yorubá: a cosmovisão africana enquanto expoente da construção do espaço. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 263–274, 2020. DOI: 10.54446/bcg.v10i1.455. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2764>. Acesso em: 3 out. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FROTA, Lélia Coelho. Izabel Mendes da Cunha: cerâmicas. *Catálogo de exposição*. São Paulo, 2009. Disponível em: https://galeriaestacao.com.br/imagens/publi_pdf/Catalogo_Izabel_baixa.pdf. Acesso: 3 set. 2025.

HALL, John; KIRDINA-CHANDLER, Svetlana. Rumo a uma história intelectual da economia evolucionária: competição e luta versus cooperação e ajuda mútua. *Brazilian Journal of Political Economy*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 551-564, jul./set. 2017. DOI: 10.1590/0101-31572017v37n03a01. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/dRyV4xJNKxCfhy6v6v5c3KB/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 25 set. 2025.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. DOI: 10.1590/S0104-71832015000200002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fGyCC7jgq7M9WzdsV559wBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2025.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

INGOLD, Tim. Sobre não conhecer e prestar atenção: como caminhar em um mundo possível. *Esferas*, [S.l.], 2013, v. 1, n. 26, p. [Páginas do artigo], jan./abr. 2023. DOI: 10.31501/esf.v1i26.14466. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i26.14466>. Acesso em: 10 out. 2025.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/belab/Downloads/Ailton%20Krenak%20-%20Futuro%20ancestral-Companhia%20das%20Letras%20\(2022\).pdf](file:///C:/Users/belab/Downloads/Ailton%20Krenak%20-%20Futuro%20ancestral-Companhia%20das%20Letras%20(2022).pdf). Acesso em: 14 ago. 2025.

LÉON, Patrícia Lora. “Caminhar pelos próprios caminhos”: a persistência dos indígenas da Serra Nevada de Santa Marta (Colômbia) nos caminhos da “cultura própria”. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 170-195, jan./jun. 2013. DOI: 10.22456/1982-6524.38279. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/38279/25963>. Acesso em: 10 set. 2025.

MACHADO, Antônia M. O. Doenças crônicas. *Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. [s. p.], fev. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpml/a/jWVyHdpGXX5cZTdqQqHbL6n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

MARROQUES, Jéssica Parreiras. **Corre um rio de lembranças nas encantadas lavadeiras de Almenara: cotidiano, memória e oralidade nos cantos de trabalho**. 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/belab/Downloads/Dissertação%20-%20final%20revisado.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.

MEIRELLES, F. S. C. et al. A visão da mulher sobre os recursos hídricos na bacia do Rio Jequitinhonha. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS**, 25., 2023, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos*. Belo Horizonte: UFMG, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/270845/001189781.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 set. 2025.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA). *Festa da Mandioca é atração em Almenara*. Minas Gerais, 2015. imagem 2, color. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/agricultura/noticias/festa-da-mandioca-e-atracao-em-almenara>. Acesso em: 19 out. 2025.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v.3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358>. Acesso em: 10 set. 2025.

OLHABERRY, Marcia; SIEVERSON, Catalina. Desarrollo socio-emocional temprano y regulación emocional. *Revista Médica Clínica Las Condes*, [S.l.], v. 33, n. 4, p. 358-366, 2022. DOI: 10.1016/j.rmcl.2022.06.002. Acesso em: 12 set. 2025.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

OLIVEIRA, Aryanne Sérgia Queiroz de et al. (Orgs.). **Michel Foucault: reflexões acerca dos saberes e dos sujeitos**. Mossoró – RN: EDUERN, 2019. 254 p.

OLIVEIRA, Layze Braz de et al. Corpos indígenas e saberes silenciados: epistemicídio e resistência nas políticas de saúde intercultural. *REVISTA ARACÊ*, São José dos Pinhais, v. 7, n. 7, p. 38484-38497, 2025. DOI: 10.56238/arev7n7-193. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/6622/9084>. Acesso em: 03 set. 2025.

OLIVEIRA, Eduardo; MACHADO, Lara; MARQUES, Sebastião. **Poéticas de Movimento**. Salvador: Segundo Selo, 2021.

PAES, Silvia Regina; PEREIRA, Rosana de Cássia (Org.). **Saberes silenciados: saúde e ambiente das comunidades quilombolas do Alto Vale do Jequitinhonha**. Diamantina: UFVJM, 2016. 155 p. Disponível em: <https://site.ufvjm.edu.br/ppger/files/2016/07/LivroFAPEMIG-1.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.

ROAZZI, Antonio; SANTANA, Suely de Melo. Teoria da mente: efeito da idade, do sexo e do uso de atores animados e inanimados na inferência de estados mentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 307-330, dez. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200005>. Acesso em 25 set. 2025

RODRIGUES, Jaime. “De farinha, bendito seja Deus, estamos por agora muito bem”: Uma História da Mandioca em Perspectiva Atlântica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 37, n. 75, p. 11-30, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-03>. Acesso em: 25 set. 2025

RODRIGUES, R. **Alimentos e ancestralidade: ritos e resistências afroindígenas na culinária brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Colonialismo Insidioso. *Sul 21*, Porto Alegre, 02 abr. 2018. Opinião. Disponível em: https://sul21.com.br/opiniaio/2018/04/o-colonialismo-insidioso-por-boaventura-de-sousa-santos/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 set. 2025.

SOARES, Geralda Chaves. Cadernos de História, *PUC Minas*, Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 17-22, jul. 2000. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/1701/1827>. Acesso em 6 set, 2025.